

Sem prefácio

LUÍS COELHO

QUANDO Eça de Queiroz publicou em livro as suas crónicas, não foi sem hesitações. Jamais pretendia fazê-lo, garante no prefácio. Só o fizera porque Ramalho Ortigão o incitara e dera o exemplo.

Nem por isso havia que ter ilusões quanto ao valor dos textos reunidos; cada um deles fora uma reacção a circunstâncias de actualidade específicas, e todos tinham a marca de juventude e da inexperiência. À distância de muitos anos, as fragilidades notavam-se perfeitamente.

É uma cláusula de desculpa a que podemos chamar modesta. Tanto mais modesta quanto hoje em dia, passado um século, as crónicas reunidas em *Uma Campanha Alegre* continuam a ser lidas com imenso gosto. O seu interesse literário transcende bastante aquilo que lhes deu origem.

Enquanto modelos de cultura e humor, permanecem insuperáveis. E não é por falta de quem as queira imitar. Ao longo do tempo, e em especial nos últimos anos, as tentativas têm sido inúmeras. Demasiadas, até.

Sobretudo nos últimos anos.

Que eu saiba, ainda ninguém contou os livros de crónicas que têm saído em Portugal desde meados dos anos 80. Aposto que foram mais de trinta. É toda uma subindústria dentro da indústria livreira. Em termos comerciais, não é essencialmente diferente de qualquer outra subindústria livreira a partir dos «media», sejam os livros de receitas (Manuel Luís Goucha, Maria de Lurdes Modesto), os de anedotas (Herman José, António Sala) ou até os de entrevistas (Maria João Avilez, por todos). O que os livros de crónicas têm de particular é uma pouco confessada mas quase sempre presente — inescapavelmente presente, dir-se-ia — aspiração à dignidade literária.

Tal aspiração é inegável. Basta ver como a maioria dos prefácios desses livros, de uma forma ou outra, repetem a cláusula de desculpa de Eça: isto eram só crónicas, jamais pensámos em reuni-las em livro, foi o amigo X que sugeriu, foi o editor

Y que insistiu, não havia como resistir, aqui estão elas de novo, não esperem grande coisa. Enfim, só modéstia. Mas depois quem fica à espera de grandes coisas é o autor — à espera que a crítica diga bem, que o livro venda milhares, que daí resultem umas massas e, quem sabe, a posteridade. Não será pedir muito...

Não é. Mas também é verdade que tem havido alguns muito bons cronistas de opinião. Não são a maioria, mas chegam para metade dos livros que têm saído. Os textos desses livros, na sua variedade, ilustram alguns dos modos pelos quais uma crónica pode ser relevante. O modo mais óbvio: opinião polémica sobre um assunto quente.

O modo um pouco menos óbvio: explicação inovadora de um assunto de interesse permanente.

O modo atípico: devaneio estilístico ou fantasista a partir de um pretexto de qualquer tipo.

O modo «literário»: descrição de sítios ou relato de eventos não necessariamente ligados à actualidade, com utilização de recursos estilísticos próprios da ficção. Este último modo era o tradicional. Durante décadas, muitos escritores, a começar pelos próprios jornalistas, o praticaram, e não havia jornal que o não tivesse. De 25 de Abril para cá, o renascimento do jornalismo de opinião produziu géneros mais fortes de crónica e quase o apagou.

Foi um prazer reencontrá-lo há pouco no «Público», dado pela mão de um escritor como José Cardoso Pires. Apontamentos e relatos que nos trazem sítios, personagens, memórias. Aos histerismos da opinião ou da verrina, Cardoso Pires substitui as tranquilas virtudes da boa escrita — observação e plasticidade, entre outras. Mesmo com essa diferença, as suas crónicas não escaparam: acabam de ser compiladas em livro.

O título é *A Cavalo no Diabo*. Saiu na Dom Quixote e, ao contrário de outros, não tem prefácio.